

## ANCESTRALIDADE E CULTURA AFRO NA DANÇA DO MARABAIXO DO MARUANUM-AMAPÁ

Célia Souza da Costa<sup>1</sup>

*“O pouco com Deus é muito  
O muito sem Deus é nada  
Quem acredita em Deus está sempre na boa estrada [...]”  
Marciana Nonata Dias<sup>2</sup>*

Quanto a origem do Marabaixo existe várias versões atribuindo significados a palavra. A mais conhecida é que negros escravizados na travessia do Atlântico cantavam nos navios negreiros, “mar acima e mar abaixo”. Outra versão é que Marabaixo é originado do *Morabit* ou *Mourabut* significando “sacerdotes dos vales”; ou ainda está ligado ao *Marabuto* ou *Marabut*, do árabe *Morabit* “sacerdote dos malês”. Os Malês foram negros escravizados de origem islâmica que também foram transportados para o Brasil para servir aos interesses da exploração.

Segundo Fernando Canto (1998) não há uma data específica para o surgimento do Marabaixo, mas existem evidências históricas que o Marabaixo se originou no Mazagão<sup>3</sup>, depois foi para o Curiaú, Igarapé do Lago, Maruanum e Macapá. No Amapá, as comunidades marabaxeiras atribuem o significado da dança a memória do sofrimento de negros jogados dos navios negreiros “Mar-a-abaixo”. Assim, o Marabaixo surge como uma herança da formação de comunidades afro e como um movimento de resistência cultural.

A dança do Marabaixo é um patrimônio cultural do estado do Amapá, sendo uma manifestação cultural de influência africana. Os cantos, ou melhor, os ladrões de Marabaixo são versos improvisados que no primeiro momento relembavam a saga dos navios negreiros na travessia do Oceano Atlântico. Os passos de Marabaixo são compassados e representam os negros escravizados arrastando as correntes e bolas de ferro como forma de simbolizar o sofrimento, a dor e o desalento da escravidão.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Pesquisadora sobre as comunidades e cultura do Distrito do Maruanum. Professora e jornalista. Email: celia.amapa@hotmail.com

<sup>2</sup> Atual Presidenta e cantadeira do Grupo de Marabaixo do Maruanum.

<sup>3</sup> A cidade de Nova Mazagão no Amapá foi fundada pela vinda de 469 famílias cristãs que habitavam na fortaleza portuguesa de Mazagão, localizada no noroeste da África, Marrocos (VIDAL, 2008). Com essas famílias vieram negros escravos de influência mulçumana, originários da África Ocidental que serviam os brancos (CANTO, 1998).

No segundo momento, os ladrões de Marabaixo surgem como versos improvisados retratando o cotidiano das comunidades afro e quilombolas do Amapá, onde se realizam as festas tradicionais, se dança, se bebe gengibirra<sup>4</sup> e se saboreia o cozidão<sup>5</sup>. Os ladrões de Marabaixo são formas de registro de história oral de acontecimentos do dia a dia, como por exemplo, o ladrão: “Aonde tu vais rapaz por esse caminho sozinho, vou fazer minha morada lá nos campos do Laguinho”, retrata o remanejamento dos negros do centro de Macapá para o Laguinho na década de 1940, pois no centro foram construídas as residências do secretariado do então governador Janary Gentil Nunes.

**“[...] Negros talvez por uma missão, de resistir nessa direção [...] quem seria negro cansado de dor [...] é Marabaixo, é cantiga, se a noite é longa com certeza eu vou, pra Marabaixo é preciso amor”<sup>6</sup>.**

Essa tradição é transmitida de geração para geração e se manifesta tanto na zona urbana quanto na zona rural. De acordo com Videira (2014), “o Marabaixo é uma tradição afroamapaense festivo/religiosa que une ciclos geracionais num período anual chamado de Ciclo do Marabaixo”. Esse ciclo é resultado do sincretismo entre a dança e a religião católica, pois ele inicia após a Quaresma e a Semana Santa. Essa manifestação religiosa acontece em várias comunidades negras, com homenagens ao Divino Espírito Santo e à Santíssima Trindade.

Outro ponto marcante do Marabaixo é o Encontro dos Tambores criado em 1996. O evento reúne várias comunidades urbanas e rurais que se encontram para dançar Marabaixo e Batuque na capital Macapá e também para comemorar o dia da Consciência Negra (20 de novembro). O nome escolhido para o encontro se deve a importância do tambor e das caixas de Marabaixo para o ritmo da dança, pois são instrumentos de percussão produzidos artesanalmente com o uso do couro de vários animais, como da Sucuri ou Sucuriju<sup>7</sup>.

Uma das grandes conquistas culturais e políticas do Marabaixo foi o título de Expressão Cultural Amapaense, reconhecido como Patrimônio Cultural do Brasil no dia 08 de novembro de 2018 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN.) Na luta pelo reconhecimento do Marabaixo como Patrimônio Cultural do Brasil, as comunidades e grupos de Marabaixo se mobilizaram e reivindicaram junto ao IPHAN esse direito, “fruto da organização e identificação predominante entre as comunidades negras do Amapá, o

---

<sup>4</sup> Bebida feita à base de gengibre, cachaça, cravinho, água e açúcar a gosto (VIDEIRA, 2014).

<sup>5</sup> Caldo à base de carne de gado e verduras diversas (VIDEIRA, 2014).

<sup>6</sup> Trecho da canção Missão, Cd Obá do cantor Ronery.

<sup>7</sup> Cobra grande que vivem nos rios, igarapés e lagos da Amazônia.

Marabaixo é uma expressão cultural de devoção e resistência que representa tradições e costumes locais” (BRASIL/IPHAN, 2018). O IPHAN atribui aos negros escravizados a autoria do Marabaixo que por meio do sincretismo religioso começaram a fazer promessas aos santos e assim que a graça era alcançada para comemorar faziam um Marabaixo.

Dentre as comunidades detentoras do Marabaixo, uma das mais tradicionais é o Distrito do Maruanum formado por 16 comunidades que possuem grupos de Marabaixo, dentre elas está Santa Luzia do Maruanum, distante cerca de 80 km de Macapá. O quilombo do Maruanum é tão antigo quanto a formação da cidade de Macapá, onde está localizada a Fortaleza de São José, erguida graças ao trabalho escravizado indígena e negro. Como resposta de resistência, os negros escravizados fugiam para os lugares mais distantes do Amapá, com objetivo de firmar moradia e se livrar dos alcoses, em busca da liberdade. Um dos destinos desses negros foi a zona de mata que hoje é o Maruanum.

### **A enxerida da raposa come espinha no terreiro<sup>8</sup>**

De acordo com o Projeto “Marabaixo do Maruanum...vida e riqueza de uma tradição secular”, o grupo Tradicional de Santa Luzia do Maruanum foi criado concomitantemente com a Festividade de Santa Luzia em 1910, quando Tiago Alves da Costa e Domingas Conceição da Costa levaram para comunidade em 17 de junho de 1910, uma imagem de Santa Luzia. Em dezembro do mesmo ano organizaram a primeira Festa em Louvor a Santa. Para agregar a festa de Santa Luzia foi formado o Grupo de Marabaixo que teve como Matriarca Antônia Maria Luiza e demais personalidades tradicionais do Maruanum.

A programação em honra à Santa Luzia é extensa começa no dia 10 de dezembro com o levantamento do mastro<sup>9</sup>, na qual se dança o Marabaixo para Santa até o dia 13 de dezembro, dia de Santa Luzia. Neste dia, a comunidade participa da missa, da procissão e em seguida da festa dançante, ao som do Marabaixo. O encerramento da festa se dá com a derrubada do mastro.

Na resistência pela manutenção da tradição do Marabaixo se destaca a atuação de várias lideranças das comunidades do Maruanum, dentre elas está o senhor Alexandre Alves da Costa. O grupo tradicional de Marabaixo de Santa Luzia é uma grande família que agrega cerca de 100 participantes. São mulheres, homens e crianças que habitam as comunidades do Distrito do Maruanum ou moram em localidades vizinhas. Para manter a cultura do

---

<sup>8</sup> Ladrão de Marabaixo do Maruanum.

<sup>9</sup> Tronco de árvore derrubado especialmente para a festividade religiosa que é enfeitado; e no alto é colocada a bandeira com a imagem de Santa Luzia.

Marabaixo viva, o grupo conta com a presidência de Marciana Nonata Dias e Maria Geralda Costa.

Os homens assumem a missão de serem os tocadores das caixas de Marabaixo, ambos cantam os ladrões de Marabaixo e todos são convidados a dançar. As mulheres estão sempre sorridentes, com flores na cabeça, toalha para enxugar o suor e com as vestes de blusa e saia longa colorida. Os homens com calça, camisa, toalha no ombro e por vezes um chapéu que adiciona um toque de charme a vestimenta.

Nesse movimento de partilha, memorização dos acontecimentos históricos da comunidade, de socialização, fortalecimento e resistência, o Grupo Tradicional de Marabaixo de Santa Luzia do Maruanum permanece com a tradição dos mais antigos e participa de diversos eventos e festividades de santos demonstrando a ancestralidade e a força da cultura afro do estado do Amapá.

## Referências

BRASIL. Expressão cultural amapaense, o Marabaixo é reconhecido como Patrimônio Cultural do Brasil. **IPHAN**.2018. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/ap/noticias/detalhes/4891/expressao-cultural-amapaense-o-marabaixo-e-reconhecido-como-patrimonio-cultural-do-brasil>>Acesso em:13 jun.2018.

CALDAS, Yurgel Pantoja; MACIEL, Kerllyo Barbosa; ANDRADE, Estrela Veg da Cruz de. Marabaixo: identidade e cultura de resistência. **Revista Identidade**, São Leopoldo, v.23, n.1, p.26-43,jan./jul.2018, ISSN 2178-437X. Disponível em: <[est.com.br/periodicos/index.php/identidade/article/download/3298/3050](http://est.com.br/periodicos/index.php/identidade/article/download/3298/3050)>Acesso em:13 jun.2018.

CANTO, Fernando. **A água benta e o diabo**. 2.ed. Macapá: Fundecap, 1998.

COSTA, Célia Souza da. **Patrimônio Cultural do Estado do Amapá: o caso das Louceiras do Maruanum em observância ao Princípio da Equidade Intergeracional**. 136 f. Dissertação (Mestrado em Direito Ambiental e Políticas Públicas). Universidade Federal do Amapá.2014.

LIMA, Wanda Maria da Silva Ferreira. **Ciclo do Marabaixo: permanências e inovações de uma festa cultural**. 131 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Presbiteriana Mackenzie.2011.

MARTINS, Benedito Rostan Costa. **Marabaixo, ladrão, gengibirra e rádio: traduções de linguagens de textos culturais**. 214 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.2012.

PEREIRA, Alexandre José Vieira Machado. Revolta dos Malês: um levante islâmico no Brasil do séc.XIX. **Anais do XIII Encontro de História Anpuh-Rio**. 2008. Disponível em: <[http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212959626\\_ARQUIVO\\_artigoanphu2008.pdf](http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212959626_ARQUIVO_artigoanphu2008.pdf)>Acesso em:13 jun.2018.

SILVA, José Maria da. “Encontros dos tambores” performance ritual e discurso racial. **Anais da 29 Reunião Brasileira de Antropologia**: diálogos antropológicos expandindo fronteiras. 2014. Disponível em: <[http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1402021338\\_ARQUIVO\\_Encontrodestambores.pdf](http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1402021338_ARQUIVO_Encontrodestambores.pdf)> Acesso em: 13 jun.2018.

VIDAL, Laurent. **Mazagão**: a cidade que atravessou o Atlântico. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

VIDEIRA, Piedade Lino. O Marabaixo do Amapá: encontro de saberes, histórias e memórias afro-amapaenses. **Revista Palmares**: cultura afro-brasileira, Ano X, Edição 08, Novembro 2014. Disponível em: [www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/.../Revista-PALMARES-2014-BAIXA.pdf](http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/.../Revista-PALMARES-2014-BAIXA.pdf)> Acesso em: 13 jun.2018.